

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CITÂNIA DE BRITEIROS, NOTÍCIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS (2007-2010).

CRUZ, Gonçalo P. Correria da e ANTUNES, José Luís F.

Ano: 2010-2011 | Número: 120-121

Como citar este documento:

CRUZ, Gonçalo P. Correria da e ANTUNES, José Luís F., *Citânia de Briteiros, notícia dos trabalhos arqueológicos (2007-2010)*. *Revista de Guimarães*, 120-121 Jan.-Dez. 2010-2011, p. 221-237.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CITÂNIA DE BRITEIROS. NOTÍCIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS (2007-2010)

Gonçalo P. Correia da Cruz¹

José Luís F. Antunes²

Nota de abertura: As campanhas de escavação realizadas na Citânia de Briteiros foram co-orientadas pelo Doutor Francisco Sande Lemos, arqueólogo (entretanto aposentado) da Universidade do Minho e que coordenou os trabalhos, estando presente diariamente no terreno. Os trabalhos tiveram também como corresponsável a Doutora Manuela Martins, Presidente da Unidade de Arqueologia da UM, que prestou assessoria científica às escavações.

1. Pertinência das intervenções recentemente realizadas

No seguimento da colaboração estabelecida entre a Sociedade Martins Sarmento (SMS) e a Universidade do Minho no sentido de retomar a investigação científica em torno da Citânia de Briteiros, têm sido realizados, desde Julho de 2005, trabalhos arqueológicos no mais destacado monumento à guarda da SMS. Estes trabalhos de escavação foram antecedidos pelas sondagens de diagnóstico realizadas em 2002 pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no local onde se ergueu o edifício onde atualmente funciona o centro de receção da Citânia.

A Citânia de Briteiros é um dos monumentos arqueológicos portugueses mais intensivamente escavados. No entanto, o contexto em que se realizaram as principais campanhas de trabalhos no monumento - orientadas por Francisco Martins Sarmento entre 1874 e 1883, e por Mário Cardozo, sensivelmente entre as décadas de 1930 e 1960 - obedeceram a critérios e métodos que, pese embora a sua adequação aos conceitos das épocas em que se realizaram, não correspondem aos métodos de registo que atualmente se usam. Este fator, por si só, representa uma lacuna, uma vez que a Citânia conta com uma área escavada de mais de 7 hectares de terreno, mas com muito pouca informação científica acerca das ruínas exumadas. Esta informação respeita à cronologia de construção e utilização das diferentes estruturas visíveis, bem como à sua utilização funcional, nos momentos em que o povoado foi habitado. São dados que apenas se podem obter com registos estratigráficos, os quais apenas começaram a ser recolhidos nas sondagens de 2002 e, já orientados para fins estritamente científicos, nos trabalhos realizados a partir de Julho de 2005. Sendo a Citânia de Briteiros um dos sítios arqueológicos mais conhecidos do país, e também um dos mais visitados, por um público cada vez mais instruído e interessado, é importante que o discurso interpretativo do monumento seja fundamentado pela investigação científica, permitindo uma compreensão mais apurada do povoado proto-histórico.

Os dados resultantes das campanhas de Julho de 2005 e de Julho e Setembro de 2006, foram já publicadas na Revista de Guimarães (LEMONS e CRUZ 2005-06), bem como em outros trabalhos entretanto produzidos (LEMONS e CRUZ 2006; LEMONS e CRUZ 2007). O

¹ Sociedade Martins Sarmento. CITCEM, Universidade do Minho. goncalo.cruz@msarmento.org

² Sociedade Martins Sarmento. CITCEM, Universidade do Minho. jose.antunes@msarmento.org

presente trabalho apresenta uma notícia sumária das intervenções realizadas em Julho, Setembro e Outubro de 2007, Julho de 2008, Julho e Setembro de 2009 e Julho de 2010.

2. Descrição dos trabalhos desenvolvidos entre 2007 e 2010

Os trabalhos de campo que têm vindo a ser realizados na Citânia de Briteiros têm sido integrados em curtas campanhas durante o mês de Julho, correspondendo ao período de realização dos estágios de campo dos estudantes de Arqueologia da Universidade do Minho, que aqui têm efetuado uma parte da componente prática da sua formação. Adicionalmente, os trabalhos podem prolongar-se pelos meses de Setembro ou Outubro, dependendo das possibilidades logísticas ou da pertinência de realização de trabalhos complementares.

No ano de 2007, os trabalhos decorreram entre os dias 3 e 27 de Julho, e entre os dias 10 de Setembro e 12 de Outubro. A duração da campanha totalizou 44 dias de trabalho, dos quais 19 dias em Julho, 15 dias em Setembro e 10 dias em Outubro. Participaram nos trabalhos, além dos signatários deste texto, dois técnicos de desenho da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho³ e dez estudantes de Arqueologia em estágio de campo⁴, no mês de Julho. Nos trabalhos de Setembro e Outubro colaboraram quatro estudantes de Arqueologia em regime de voluntariado⁵. Durante a campanha realizaram-se escavações na área conhecida como “Casa da Espiral”, nomeadamente as sondagens 99B, 102A e 104B⁶, não terminadas nas campanhas anteriores e finalizadas neste ano, e a sondagem 103B, iniciada nesta campanha. Procedeu-se também à limpeza e registo da canalização em pedra da encosta nascente da Citânia, que abastece o Balneário Sul, e à realização de uma sondagem nas imediações desta estrutura de banhos.

A campanha de 2008 realizou-se entre os dias 7 de Julho e 1 de Agosto do mesmo ano, totalizando 20 dias de trabalho. Participaram nesta campanha dois técnicos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho⁷, e nove estudantes de Arqueologia da mesma Universidade⁸. Os trabalhos de escavação incluíram a continuação da sondagem 103B, aberta anteriormente na “Casa da Espiral”, bem como a abertura da sondagem 100C, na mesma zona. Pela primeira vez, foi aberta uma sondagem (97T) na área conhecida como “Casa de *Avscvs*”, designadamente sobre um dos arruamentos ortogonais do povoado. Apenas a sondagem 103B foi terminada na campanha de 2008. A campanha de 2009 teve lugar entre os dias 6 e 31 de Julho e entre os dias 14 e 30 de Setembro, totalizando 33 dias de trabalho. Participaram na intervenção de Julho, além dos signatários deste trabalho, a arqueóloga Célia Oliveira e sete estudantes da Universidade do Minho em estágio de campo⁹. Em Setembro, os trabalhos contaram com a colaboração de três estudantes voluntários¹⁰. A campanha de 2009 incidiu

³ Nomeadamente os técnicos Eurico Machado e Paula Góis.

⁴ Nomeadamente os alunos Gisela Braga, Joana Lourenço, Luís Marado, José Tiago Silva, Rui Duarte, Sandrine Fernandes, Sara Garcêz, Suzana Castro, Telma Silva e Tiago Correia.

⁵ Nomeadamente os estudantes Gisela Braga, Joana Lourenço, José Tiago Silva e Sandrine Fernandes.

⁶ A denominação das sondagens arqueológicas abertas na Citânia corresponde a uma sequência alfanumérica estabelecida como nomenclatura da quadrícula projetada, visível nas imagens 4 e 9.

⁷ Os senhores Eurico Machado e Manuel Pires.

⁸ Nomeadamente as estudantes Rosa Gonçalves, Sara Ferreira, Margarida Génio, Patrícia Machado, Verónica Crista, Susana Santos, Lília Freitas, Joana Fernandes e Stéphanie Oliveira.

⁹ Nomeadamente os alunos Edgar Silva, Maria Clara Costa, Tiago Botelho, Vítor Silva, Manuela Silva, Vânia Ferreira e Manuel Costa.

¹⁰ Nomeadamente os alunos Edgar Silva, Tiago Botelho e Vítor Silva.



Imagem 1 - Planta da área escavada da Citânia de Briteiros, com divisão dos sectores de estudo. Os círculos indicam a “Casa da Espiral”, à esquerda (sector 5) e a “Casa de Avscvs”, à direita (sector 7).

Levantamento da Infotop. Vectorização da Unidade de Arqueologia da UM.

exclusivamente na área conhecida como “Casa de *Avscvs*”, com a continuação da sondagem aberta no ano anterior (97T) e a abertura da sondagem 97V, tendo sido a primeira finalizada neste ano.

A campanha de 2010 realizou-se entre os dias 6 a 30 de Julho, num total de 19 dias de trabalho. A intervenção contou com a participação de cinco alunos de Arqueologia da Universidade do Minho¹¹, em estágio de campo, bem como com a colaboração de Daniela Cardoso nos trabalhos relacionados com o registo de arte rupestre. Durante esta campanha houve lugar ao registo fotográfico de gravuras rupestres na encosta da Citânia, e deu-se seguimento à escavação das sondagens na “Casa de *Avscvs*”, nomeadamente da sondagem 97V e início da escavação da sondagem 99V.

Os resultados destas campanhas serão aqui sumariados por áreas de escavação, começando pelos contextos registados na zona conhecida como “Casa da Espiral”, seguindo-se os resultados das sondagens abertas na área da “Casa de *Avscvs*” e descrevendo-se por fim os trabalhos pontuais efetuados noutras zonas.

3. Síntese dos resultados das sondagens na “Casa da Espiral”

Os trabalhos de 2005 e 2006 desenvolveram-se sobretudo nesta zona da Citânia, uma unidade familiar formada por três construções circulares visíveis, correspondente à Unidade Habitacional nº 12 do Sector 5, usando as referências de localização estabelecidas em 2005 (veja-se a imagem 1). Trata-se de um conjunto doméstico próximo das casas circulares reconstruídas por Martins Sarmiento, e da plataforma da capela de S. Romão, que tinha sido primeiramente intervencionado pelo arqueólogo oitocentista (imagem 2). O conjunto foi denominado como “Casa da Espiral”, tendo em conta a localização de uma gravura, em forma de espiral, num elemento arquitetónico existente no pátio deste conjunto. Recordamos que a designação de “casa”, bem como



Imagem 2 - Uma perspetiva da “Casa da Espiral” durante as escavações do século XIX. Fotografia de Francisco Martins Sarmiento. Coleção da SMS.

¹¹ Nomeadamente as alunas Helena Martins, Rita Lisboa, Sofia Sá, Vanessa Verde e Diana Vaz.

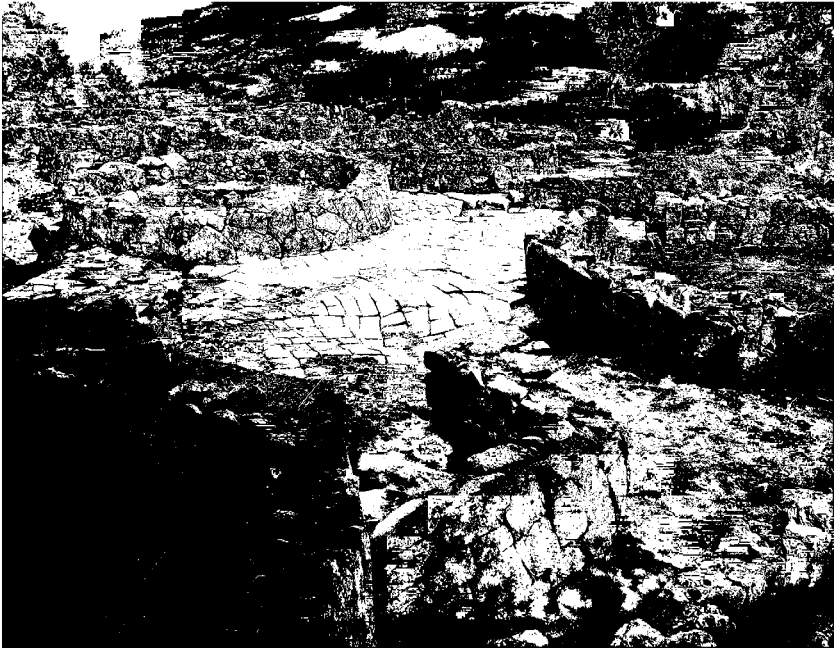


Imagem 3 - Uma vista de conjunto da “Casa da Espiral”, após a limpeza.

a de “unidade habitacional” não corresponde a uma das estruturas que tipicamente conhecemos na Citânia, mas a um conjunto formado por várias construções, que correspondia ao espaço de habitação de uma família extensa (imagem 3). Sendo aparentemente formada apenas por construções circulares, a “Casa da Espiral” foi selecionada como um exemplo de um conjunto possivelmente anterior à introdução das construções retangulares. O estudo deste caso pode depois ser comparado com unidades domésticas que integram edificações angulares, contribuindo assim para uma compreensão da evolução da arquitetura doméstica na Idade do Ferro e na transição para a época romana.

Tinham sido já abertas, antes de 2007, neste conjunto doméstico, e na sua envolvente, as sondagens 105F, 105A, 104B, 103A, 102A, 101A, 100B e 99B (imagem 4). Parte destas sondagens não foram terminadas nas campanhas de 2005 e 2006, pelo que se incluem aqui os resultados das sondagens que foram continuadas após a campanha de 2007, bem como das valas entretanto abertas. Não vamos referir neste texto a numeração das unidades estratigráficas identificadas no decorrer das escavações, o que iria atribuir um carácter excessivamente técnico a este trabalho, descrevendo apenas os contextos mais relevantes.

A sondagem 104B foi, até ao presente, a área com maior potência estratigráfica, ou seja, o ponto onde se detetou uma maior profundidade de sedimentos escavados, o que se explica pelo facto de esta sondagem ter sido aberta na área do aterro que formou o adro da capela de S. Romão. As camadas identificadas foram maioritariamente removidas nas campanhas de 2005 e 2006, tendo sido escavados alguns sedimentos na campanha de 2007. Não se deu continuidade à escavação desta sondagem porquanto a continuação

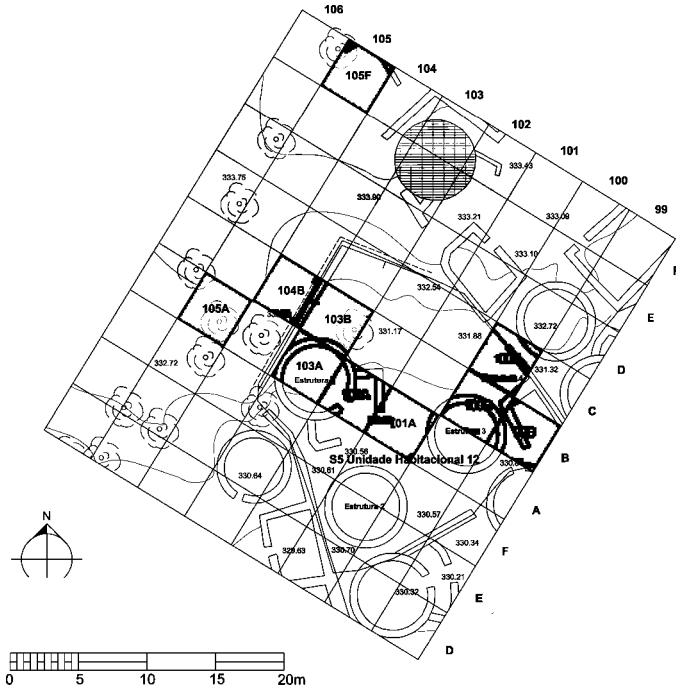


Imagem 4 - Quadrícula de escavação na área da “Casa da Espiral”, com marcação das sondagens estudadas. A linha vermelha delimita o espaço da casa em questão (Unidade Habitacional 12, do Sector 5).

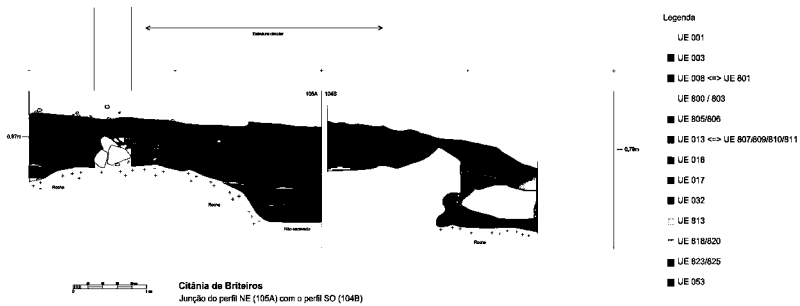


Imagem 5 - Junção do perfil Nordeste da sondagem 105A, com o perfil Sudoeste da sondagem 104B. Ambas as sondagens abrangem parte da área ocupada por uma estrutura circular arrasada.

da escavação implicava a remoção de blocos graníticos de grandes dimensões, que integravam uma estrutura circular arrasada. Além disso, a compreensão global dos elementos identificados implicava uma ampliação da área de escavação contígua, o que apenas pode ser possível dispondo de maiores recursos, e no contexto de uma escavação arqueológica em área aberta, especificamente projetada para este ponto. Apesar disso, a escavação realizada permitiu identificar um contexto de destruição e nivelamento, que formou uma área ampla, a partir de finais do século I antes de Cristo. Correspondente a uma fase anterior (século I a. C.), detetou-se o já referido alinhamento de uma estrutura circular, blocos graníticos que formavam a parede “ciclópica” da mesma estrutura, vestígios de argamassa utilizada nos caboucos da mesma construção, bem como restos de um pavimento cerâmico interior, decorado com pequenas incisões. Detetaram-se também vestígios de um lajeado exterior a esta construção circular. Finalmente, de uma fase mais antiga que esta construção, detetou-se um pequeno contexto sedimentar, cuja exiguidade dificulta uma interpretação clara.

Ou seja, a zona do adro da capela de S. Romão que confronta diretamente com a “Casa da Espiral” tinha, pelo menos deste lado, uma unidade doméstica pré-romana que integrava uma construção circular e um lajeado de pedra. Esta construção foi destruída e coberta por um nivelamento em época romana, sendo depois utilizada como adro da capela a partir do século XIX. Nada se conseguiu adiantar quanto à função deste espaço no período romano. Um cruzamento dos cortes das sondagens 104B e 105F permite uma melhor leitura desta sequência de evolução (imagem 5).

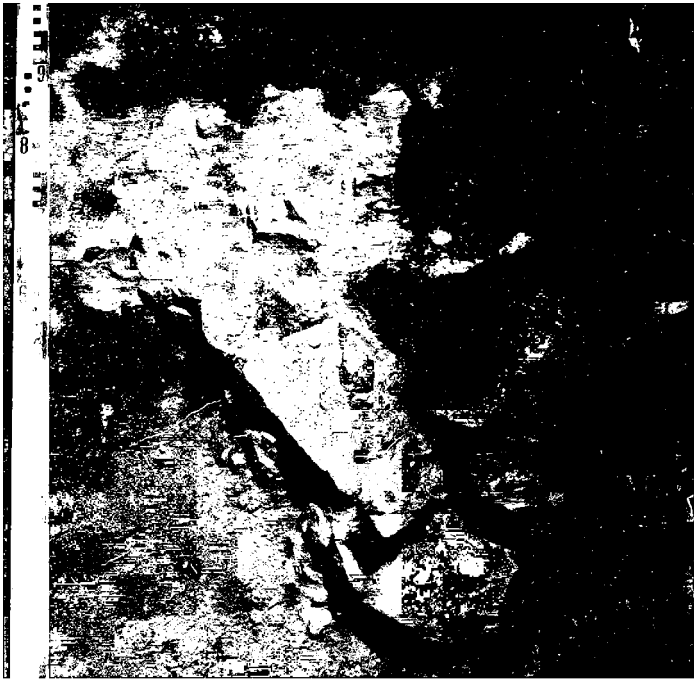


Imagem 6 - Estrutura de combustão localizada na sondagem 102A.

A sondagem 103B localiza-se já no interior da “Casa da Espiral”, entre uma das estruturas circulares que compõem o conjunto (a estrutura 1) e o muro limite do conjunto em relação ao adro da capela de S. Romão. A escavação desta sondagem permitiu detetar, por ordem cronológica, um pavimento anterior à estrutura 1, a vala de fundação desta mesma estrutura, onde apenas se recolheram materiais da Idade do Ferro, o alinhamento de uma construção, provável anexo da estrutura 1, bem como camadas de regularização, nas quais se recolheram materiais do período romano. Os contextos registados permitiram datar a estrutura 1 do período pré-romano, bem como identificar um pavimento anterior e um nível de regularização, correspondente à cota de circulação da unidade doméstica, que terá sido ainda habitada em época romana.

A sondagem 102A foi aberta diretamente sobre o vestíbulo da estrutura 1, ou seja, o apenso formado por duas paredes simétricas de ambos os lados da porta de entrada. Uma parte considerável dos contextos foram registados na campanha de 2006, tendo-se atingido o substrato geológico na campanha de 2007, embora numa área limitada, condicionada pela necessidade de preservar as estruturas visíveis, cujos alicerces ficaram expostos durante a escavação. A maior surpresa revelada pela abertura desta sondagem foi o registo de uma estrutura de combustão (imagem 6) que antecedeu a construção da estrutura 1, e que estava integrada numa inesperada organização do espaço doméstico, anterior às construções observáveis. Foi precisamente nestes contextos que se recolheram fragmentos cerâmicos datáveis de momentos cronológicos anteriores ao século II a. C. (RIBEIRO e SAMPAIO, 2008), testemunhando assim uma ocupação num período histórico mais recuado em relação ao momento de apogeu da Citânia, correspondente aos finais do século II e século I a. C..

Além desta estrutura de combustão (que continha materiais orgânicos carbonizados) e níveis associados, foram identificadas várias camadas de regularização posteriores à construção da estrutura 1 e respetivo vestíbulo, embora não se tenham encontrado níveis de fundação destas construções. Foram também registados contextos de revolvimento, interpretados como nivelamento contemporâneo ou posterior às escavações de Francisco Martins Sarmento.

A sondagem 99B também tinha sido iniciada na campanha de 2006 e foi dada por finalizada em 2007. Localiza-se por detrás das estruturas 3 e 4 da “Casa da Espiral”, numa zona que parece ter tido funções de anexo, nomeadamente espaço de armazenamento ou oficina. Porém, a escavação desta sondagem revelou algumas surpresas, como a deteção de estruturas de possível utilização funerária. A estratigrafia da sondagem resume-se a uma sequência de pavimentos de terra batida para os níveis superiores, e enchimentos de regularização para as camadas mais próximas do substrato geológico. Sensivelmente ao nível da cota de circulação do pátio deste conjunto doméstico, foram identificadas duas pequenas estruturas, truncadas, que aparentam ter sido duas pequenas cistas. Afastada a hipótese de se tratarem de sepulturas medievais (o que seria pertinente, em função da proximidade da necrópole medieval da antiga ermida de S. Romão) pela inexistência de materiais arqueológicos deste período, não se alcançou uma interpretação clara para estes dois pequenos alinhamentos. No entanto, uma terceira estrutura revelou-se particularmente interessante. Trata-se de uma espécie de caixa feita com pedras miúdas e selada por uma pesada tampa de pedra, que fazia parte do lajeado do pátio (imagem 7). Levantada a referida tampa, foi escavado no interior da estrutura um contexto que continha abundantes fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro, bem como materiais orgânicos carbonizados, pequenos fragmentos de osso e um fragmento metálico não identificado. Mantém-se a hipótese de esta estrutura ter constituído uma deposição cinerária, correspondendo a contextos idênticos detetados noutros sítios arqueológicos da Idade do Ferro, nomeadamente na Cividade de Terroso (FLORES e CARNEIRO, 2005: 187-190).

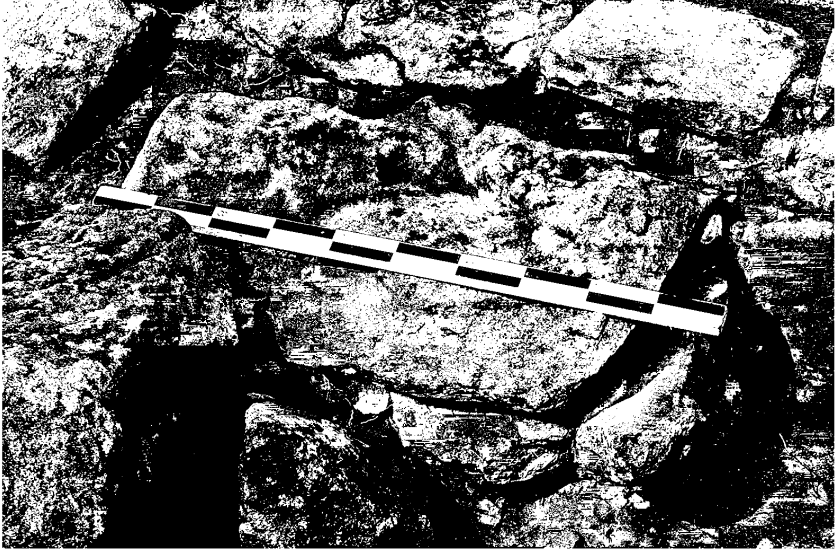


Imagem 7 - Estrutura em pedra miúda, selada por uma laje do pavimento, na sondagem 99B. Possível deposição cinerária.

A sondagem 100C foi aberta na campanha de 2008 e não foi finalizada até ao presente. É uma área contígua, para Norte, à sondagem 99B, localizando-se portanto na mesma área de anexo. Um pequeno alinhamento em pedra divide a área destas duas sondagens, tendo sido atribuída a numeração de “estrutura 4” ao espaço delimitado por este alinhamento, pela parede circular da estrutura 3 e pelo muro de limite da “Casa da Espiral” com a unidade doméstica vizinha. Os contextos escavados foram, a uma cota mais superficial, identificados como derrubes das construções que delimitam o espaço, com relativa abundância de materiais cerâmicos do período romano Alto-imperial. A uma cota mais baixa, detetou-se um pavimento de terra batida, com alguns materiais da Idade do Ferro, que deve ter correspondido ao nível de circulação do já referido anexo da casa. No entanto, e uma vez que não se deu seguimento à escavação desta sondagem, não se atingiram níveis fundacionais. A interrupção da escavação, contudo, justifica-se pela não desestabilização das construções circundantes.

A partir da campanha de 2008, não se deu seguimento às sondagens na “Casa da Espiral”. Obtendo-se um volume considerável de informação respeitante à cronologia e funcionalidade deste espaço, os trabalhos de campo foram orientados, ainda a partir da campanha de 2008, para a envolvente e interior da Unidade Habitacional 3 do Sector 7, espaço que mais tarde se denominou “Casa de *Avscvs*”.

4. Síntese dos resultados nas sondagens realizadas na “Casa de *Avscvs*”

A Unidade Habitacional 3 do Sector 7 da Citânia é um conjunto doméstico formado exclusivamente por construções retangulares (imagem 8). Aliás, a sua configuração permite descrevê-la como um único edifício, ao invés de um conjunto de edifícios articulados, como acontece na generalidade das unidades domésticas da Citânia. A denominação deste conjunto foi atribuída em função da recolha, na campanha de 2009,



Imagem 8 - Vista parcial da “Casa de *Avscvs*” (Unidade Habitacional 3, do Sector 7).

de um pequeno bloco granítico, por entre as pedras de um aterro do século XIX, no centro do pátio, com uma epígrafe latina na qual se lê o nome *Avscvs*. Trata-se de um nome próprio, de origem indígena¹², que identifica o provável proprietário da casa. Este proprietário seria portanto um habitante local que adotou o hábito da escrita alfabética, uma das mais vincadas inovações romanas no Noroeste Peninsular.

Segundo uma perspetiva mais tradicional, a “Casa de *Avscvs*”, integrada numa tipologia denominada “de tipo *domvs*” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2006-07: 378), seria desde logo considerada uma casa de família construída e habitada em época romana, num momento histórico em que se tinha perdido o conceito arquitetónico e cultural da casa circular “castreja”. Mantivemos, no entanto, uma perspetiva aberta, conscientes da existência de estruturas angulares ainda na Idade do Ferro, bem como da existência de modelos arquitetónicos idênticos, no Sul da Península, em períodos históricos consideravelmente mais recuados (PACHÓN VEIRA e MANZANO AGUGLIARO, 2005).

Além do exposto, a “Casa de *Avscvs*” está alinhada com uma das ruas ortogonais da Citânia, com a qual confronta a Oeste. Este fator esteve portanto na base da decisão de abrir sondagens neste ponto, permitindo a obtenção de informações acerca da cronologia das casas “de tipo *domvs*”, bem como da cronologia dos arruamentos ortogonais. Por esta razão, foi aberta a sondagem 97T diretamente sobre este arruamento, ainda na campanha de 2008, seguida da abertura da sondagem 97V em 2009, no centro do pátio da casa, e da sondagem 99V, em 2010, abrangendo um dos compartimentos do conjunto

¹² Informação de Armando Redentor, a quem agradecemos a preciosa colaboração na interpretação desta epígrafe.

(veja-se a imagem 9). Apenas a sondagem 97T seria terminada em 2009, não se tendo concluído, na campanha de 2010, a escavação das sondagens 97V e 99V.

A sondagem 97T foi, como referimos, aberta diretamente sobre a rua que ladeia a “Casa de *Avscvs*”, e que lhe dava acesso. Abrangeu esta vala uma zona de rua, com pavimento lajeado que se encontrava oculto por uma camada humosa, uma pequena área interior da estrutura 1 da “Casa de *Avscvs*”, bem como uma pequena área, não intervencionada, de um compartimento de uma unidade doméstica vizinha, no Sector 6. A escavação dos estratos subjacentes ao pavimento da rua implicou a remoção do lajeado de pedra, que foi desenhado, numerado e recolocado no final da campanha de 2009. Na pequena área escavada no interior da estrutura 1, o substrato geológico foi detetado a poucos centímetros abaixo do plano de escavação, permitindo apenas identificar restos da preparação do pavimento interior (com terra batida e argila), bem como camadas superficiais de revolvimento. Já a escavação dos estratos sob o lajeado da rua propiciou resultados mais interessantes. Abaixo do lajeado visível foram registados níveis de preparação do mesmo, contendo cerâmicas da Idade do Ferro e fragmentos de ânfora de tipologia Haltern 70. Num plano inferior, foi detetada uma primeira pavimentação desta mesma rua (imagem 10), a uma cota mais baixa, contendo apenas materiais da Idade do Ferro nos seus níveis de preparação, que sobrepõem diretamente a rocha.

Ou seja, a rua terá sido edificada entre os finais do século II a. C. e a primeira metade do século I a. C., tendo em conta a tipologia dos materiais cerâmicos recolhidos, enquadráveis na fase III de Manuela Martins (MARTINS 1990) e de Armando Coelho (SILVA 2007), e a inexistência de qualquer material importado. Posteriormente, o nível de circulação da rua foi alteado, com um novo enchimento de suporte e regularização do lajeado atualmente visível. Neste enchimento foram recolhidas cerâmicas da mesma

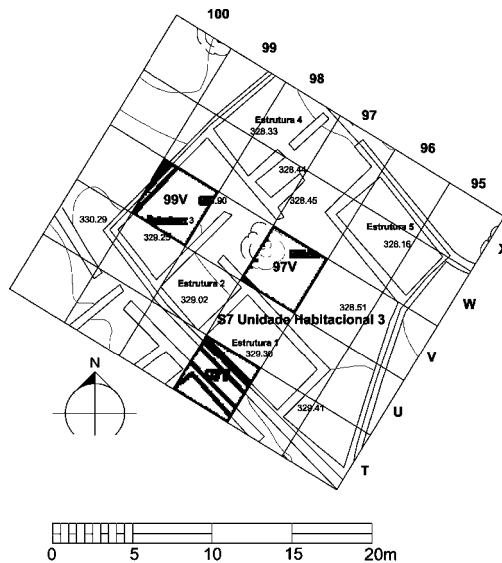


Imagem 9 - Quadrícula de escavação na área da “Casa de *Avscvs*”, com marcação das sondagens estudadas. O espaço da casa (Unidade Habitacional 3, do Sector 7) está delimitado pela linha vermelha.

tipologia, bem como os referidos fragmentos de ânfora *Haltern 70*, cuja importação terá começado a partir de meados do século I a. C. (MORAIS 2007). Sendo assim, inclinamo-nos a considerar a cronologia de alteamento e repavimentação da rua na segunda metade do século I a. C.

A sondagem 97V foi aberta no interior da “Casa de *Avscvs*”, diretamente sobre um aterro resultante das escavações do século XIX. Pretendia-se com esta sondagem estudar os contextos e materiais existentes no aterro em si, bem como estudar os níveis subjacentes ao mesmo aterro. No decorrer da escavação concluiu-se que o aterro era maioritariamente formado por um amontoado de pedras, recolhidas durante a escavação dos diferentes compartimentos que formam o conjunto. Entre estas pedras destaca-se uma característica “prisão de gado” que, curiosamente, aparece numa fotografia de Sarmento (imagem 11). Destaca-se também a já referida inscrição com a possível identificação do proprietário da casa, que deve ter integrado uma das paredes da mesma, e que passou despercebida nas escavações do século XIX. Por debaixo do aterro foi detetado o lajeado original do pátio (imagem 12), em tudo idêntico ao lajeado do pátio da “Casa da Espiral”, com uma perturbação que pensamos dever-se à abertura de uma vala nas campanhas oitocentistas. Porém, ao contrário do lajeado da “Casa da Espiral”, que apresenta uma cronologia pré-romana, os materiais recolhidos nesta sondagem, até à data, incluindo em níveis arqueológicos intactos, subjacentes ao lajeado, parecem indiciar uma cronologia romana Alto-imperial. Foram recolhidas cerâmicas da Idade do Ferro, cerâmica comum romana, ânfora *Haltern 70*, dois fragmentos de *terra sigillata*, um possível fragmento de cerâmica Bracarense, algum material de construção e um peso de rede em granito. Foi também recolhida uma moeda romana, em bronze, que

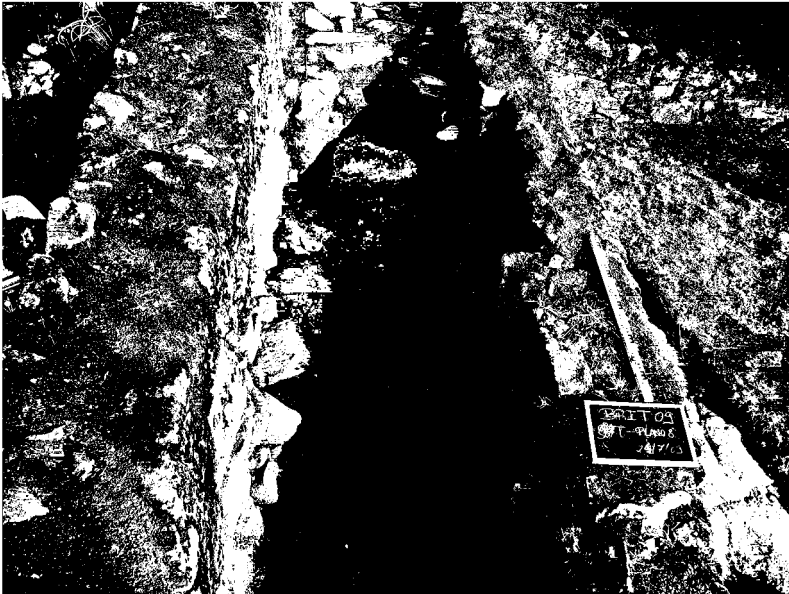


Imagem 10 - Fotografia de um dos planos da sondagem 97V. É visível, num plano superior, a pavimentação mais recente e, abaixo, os vestígios de um nível de circulação mais antigo.



Imagem 11 - Prisão de gado colocada sobre um muro, no século XIX. Objeto reencontrado na campanha de 2009, na “Casa de Avscvs”. Fotografia de Francisco Martins Sarmento. Coleção da SMS.



Imagem 12 - Fotografia do lajeado da “Casa de Avscvs” detetado em 2009, na sondagem 97V.

aparenta ser um asse de César Augusto¹³. Já na campanha de 2010, foram escavadas nesta sondagem várias camadas intactas, sob as quais se identificou uma estrutura de combustão, pequena lareira (imagem 13), que parece corresponder a uma utilização anterior deste espaço, integrando uma eventual estrutura doméstica distinta. Não se terminou, contudo, em 2010, a escavação desta sondagem.

A sondagem 99V foi iniciada na campanha de 2010, abrangendo ainda uma parte do pátio da “Casa de *Avscvs*” e uma área interior do compartimento fundeiro central da casa. A escavação nesta sondagem pouco desceu além do plano inicial, mas permitiu, ainda assim, a identificação do piso interior do compartimento em questão. Era este pavimento feito com uma argamassa de argila e saibro, compactada. Restam apenas vestígios da superfície superior do pavimento (imagem 14). Uma parte da área abrangida pela sondagem mostra já a rocha-mãe, cortada e afeiçãoada para servir de pavimento interior, à semelhança do que se verificou numa das estruturas da “Casa da Espiral”, em 2005. Os materiais recolhidos até à data são coerentes com o espólio identificado na sondagem 97V, e incluem cerâmica da Idade do Ferro, muito fragmentada, misturada com cerâmica comum romana.

As escavações na “Casa de *Avscvs*” deverão prosseguir nas próximas campanhas, no decorrer das quais se procederá ao entulhamento das sondagens 97V e 99V, após escavação dos estratos até ao substrato geológico. Tudo parece indicar que a unidade doméstica foi, de facto, edificada e habitada em época romana, embora por uma família indígena. Apesar disso, existem indícios de uma ocupação anterior, que os futuros trabalhos deverão clarificar.

5. Trabalhos complementares

No âmbito das campanhas realizadas entre 2007 e 2010, foram efetuados alguns trabalhos complementares decorrentes de necessidades específicas, noutros pontos do monumento.

Em 2007, no decorrer de um projeto de reabilitação do Balneário Sul, cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, no âmbito do Programa Operacional da Cultura, foi efetuado um registo da estrutura do balneário, no qual se destaca uma das pedras formosas da Citânia de Briteiros, conservada *in situ*, bem como sondagens de diagnóstico no interior e envolvente do edifício. Os trabalhos foram efetuados em Agosto de 2007 pela empresa Palimpsesto e orientados pelo arqueólogo Alexandre Valinho. Porém, a necessidade de obtenção de informações concretas que suportassem uma interpretação mais informada do edifício de banhos, levaram à realização, diretamente pela SMS, e da responsabilidade dos signatários desta notícia, de alguns trabalhos adicionais em torno deste tema, na campanha de 2007.

Consistiram os trabalhos, que tiveram lugar em Setembro e Outubro do referido ano, da abertura de uma sondagem sobre um muro perimetral do balneário, tendo em vista a sua datação, bem como da limpeza e registo fotográfico da canalização de abastecimento dos banhos. A sondagem permitiu concluir que o referido muro perimetral, que todavia se conserva envolvendo o balneário a Norte e Leste, foi construído no século XX, muito provavelmente no contexto do restauro realizado em 1930, orientado por Ricardo de Freitas Ribeiro (CARDOZO 1931). A canalização de abastecimento, em pedra, que é um dos elementos característicos da Citânia de Briteiros, por partilhar grande parte do seu trajeto com uma das ruas principais do povoado, foi integralmente limpa e fotografada. Fez-se uma divisão em oito tramos dos 320 metros de conduta que se conserva, que

¹³ Leitura de David Mendes, que aqui agradecemos.



Imagem 13 - Estrutura de combustão localizada na sondagem 97V, em 2010.



Imagem 14 - Superfície superior do pavimento detetado na sondagem 99V, na campanha de 2010.

orientaram o registo fotográfico e a descrição da canalização (imagem 15). Ligava esta conduta artificial uma antiga mina existente na encosta nascente, ao Balneário Sul, garantindo o suprimento de água à estrutura de banhos.

Em 2010, além da prossecução das escavações na “Casa de *Avscvs*” foi realizada, nos dias 6 e 7 de Julho, uma limpeza do núcleo de gravuras rupestres conhecido como “rocha da Quinta do Paço” (VALDEZ e OLIVEIRA 2005-06). É um conjunto de cinco painéis com gravuras que não tinha sido identificado por Martins Sarmento, talvez por ter sido posto a descoberto no decurso de um incêndio florestal. Após o registo da rocha conhecida como “Penedo dos Sinais”, em 2005, entendeu-se realizar o registo fotográfico noturno deste conjunto igualmente inserível no ciclo da arte de Estilo Atlântico, muito provavelmente anterior ao início da ocupação da Citânia, como no caso da primeira rocha referida (*ibid.*).



Imagem 15 - Um dos tramos da canalização da encosta nascente, limpo e fotografado na campanha de 2007.

6. Considerações finais

Pretendemos com esta notícia divulgar, de forma resumida, os trabalhos arqueológicos realizados na Citânia de Briteiros entre os anos de 2007 e 2010. A investigação comparativa das unidades domésticas conhecidas como “Casa da Espiral” e “Casa de *Avscvs*”, selecionadas como casos de estudo, é um trabalho promissor, que tem vindo a revelar dados interessantes e inovadores acerca da ocupação da Citânia. Futuramente deverão ter seguimento os trabalhos de escavação na segunda zona, bem como noutros pontos da Citânia, previamente sinalizados.

A considerável área deste Monumento Nacional obriga a que se faça uma seleção criteriosa das zonas a intervir, propiciando uma amostragem suficientemente abrangente para que possamos atualizar o conhecimento histórico sobre o que foi um testemunho do nascimento da Arqueologia Portuguesa.

Bibliografia

CARDOZO, M. (1931) A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da “Pedra Formosa”. *Revista de Guimarães*, vols. 41 (1-2) Jan.-Jun. 1931, p. 55-60; 41 (3) Jul. Set. 1931, p. 201-209; 41 (4) Out.-Dez. 1931, p. 250-260. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

FLORES, J. e CARNEIRO, D. (2005) *Subtus Montis Terroso - Património Arqueológico no Concelho da Póvoa de Varzim*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2006-07): *Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.)*, Brigantium, 18-19. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico da Coruña.

LEMO, F. e CRUZ, G. (2005-06) Trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros. Campanhas de 2005 e 2006, *Revista de Guimarães* 115/116, Guimarães: Sociedade Martins Sarmento: 11-50.

- (2006) Citânia de Briteiros. Programa de Investigação e Valorização do Monumento. *Fórum* n.º 39 (separata). Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga;

- (2007) Citânia de Briteiros: trabalhos arqueológicos recentes. *Al-Madan Online / Adenda Electrónica*. IIª Série. 15: VI., pp. 31-36, Centro de Arqueologia de Almada;

MARTINS, M. (1990): *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia. Série Monografias. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

MORAIS, R. (2007): *Materiais Arqueológicos III. A cerâmica romana*. Relatório da unidade curricular. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

PACHÓN VEIRA, R. e MANZANO AGUGLIARO, F. (2005) Interpretación 3D del barrio fenicio de Doña Blanca (Puerto de Santa Maria, Cadiz). XVII Congreso Internacional de Ingeniería Gráfica.

RIBEIRO, J. e SAMPAIO, H. (2008) Técnicas, motivos e organizações decorativas da cerâmica da Idade do Ferro na Bacia do Ave: a Citânia de Briteiros como caso de estudo. *Fêrvedes: Revista de Investigación*, n.º 5, Museo de Prehistoria e Arqueología de Vilalba. pp. 277-285.

SILVA, A. (2007): *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

VALDEZ, J. e OLIVEIRA, L. (2005-06) A Arte Rupestre da Citânia de Briteiros - O Penedo dos Sinais, um caso Atlântico, *Revista de Guimarães* 115/116, Guimarães: Sociedade Martins Sarmento: 51-92.